opusdei.org

65 anos da ida de Montse para o Céu: o exemplo de Montse Grases

No dia 26 de março recorda-se o aniversário da morte de Montse Grases. Neste artigo encontramos alguns dos ensinamentos que a vida de Montse – declarada venerável serva de Deus em 2016 – oferece para a nossa vida cristã.

26/03/2024

O ideal de uma vida cristã autêntica tem um novo rosto em Montse Grases. Em 26 de abril de 2016, o Papa Francisco dispôs que se publicasse o decreto da Congregação da Causa dos Santos pelo qual se declara que Montse viveu as virtudes teologais e cardeais em grau heroico e se reconhece a sua fama de santidade. A notícia foi dada a público na comemoração litúrgica de Nossa Senhora de Montserrate, onomástico da venerável serva de Deus.

A Santa Sé examinou a vida de Montse a partir das declarações das pessoas que com ela conviveram, de mais de uma centena de testemunhos escritos, dos documentos escolares e familiares, bem como dos seus apontamentos pessoais.

Desta investigação pormenorizada resulta que Montse teve uma vida

parecida à de qualquer outra rapariga da sua idade, mas cheia de Deus: encontrou Jesus na normalidade do quotidiano e deu-se generosamente a Ele. Esta heroica correspondência ao amor de Deus foi o que a autoridade da Igreja reconheceu e considerou oportuno propor à devoção e imitação dos fiéis católicos. Embora não se possa tributar-lhe culto público, este significativo passo encoraja a recorrer mais à sua intercessão para obter favores do céu.

Uma vida simples

Será possível ser santo aos dezasseis ou dezassete anos? Montse prova-nos que sim. S. Josemaria ensinava: «Ser santo não é fácil, mas também não é difícil. Ser santo é ser bom cristão: parecer-se com Cristo. Aquele que mais se parece com Cristo, é o mais cristão, mais de Cristo, mais santo.» (Forja, nº. 10).

Montse foi a segunda de nove irmãos e a mais velha das irmãs. Quando terminou a escola secundária, alternou os estudos de piano com as aulas da Escola Profissional para a Mulher em Barcelona. Gostava de desporto, de música, das danças populares da sua terra, como as "sardanas", e também gostava de representar peças de teatro.

Tinha um temperamento vivo, espontâneo e as suas reações por vezes eram um pouco bruscas, embora os seus familiares e professores recordem que lutava para se dominar, e ser amável e jovial com todos. Devido ao seu carácter aberto e generoso, e ao seu modo de ser doce e atrativo, muitas raparigas da sua idade quiseram gozar da sua amizade, que ela distribuiu generosamente. Quando conheceu o Opus Dei, aproveitou esses dons naturais para aproximar as suas amigas mais de Deus, de uma

forma muito natural, sem espalhafato nem coisas estranhas: falando de tu a tu com cada uma.

Uma educação cristã

Os pais de Montse ensinaram-na a rezar com confiança e a preocupar-se com os outros. Desde pequena, todas as noites pedia: «Meu Deus, faz-nos bons, ao Enrique, ao Jorge e a mim». Com o nascimento dos novos irmãos esta oração foi-se alongando. Os pais e os irmãos mais velhos constituíam uma espécie de conselho familiar, que se reunia aos sábados, para comentar o andamento dos assuntos domésticos. Umas vezes os irmãos mais velhos conseguiam aquilo que pediam, e outras não, mas gozavam dessa liberdade e dessa confiança com os pais. Da família, Montse recebeu alguns dos traços do seu carácter: a alegria, a simplicidade, a ordem, o

esquecimento de si própria e a preocupação pelos outros.

Com colegas da escola, visitava os pobres dos subúrbios, dava catequese a crianças e, em algumas ocasiões, levava-lhes brinquedos ou rebuçados. Por exemplo, quando cooperava nos peditórios da Cruz Vermelha, era a que colocava mais emblemas, porque começava pontualmente e colaborava até ao fim. Quando lhe perguntavam quanto dinheiro tinha conseguido, dizia que isso não importava, que «não se podem fazer as coisas com a preocupação dos resultados».

O chamamento de Deus

Os pais ajudaram-na a consolidar a sua vida espiritual e a lutar por viver as virtudes. Ao chegar à adolescência, a mãe animou-a a frequentar um centro do Opus Dei, onde se dava formação cristã e humana a raparigas novas. Deste

modo natural, esforçou-se por melhorar o seu carácter, ser mais piedosa e aproximar os outros do amor de Deus. No Verão de 1957 teve uma grande alegria quando o irmão mais velho decidiu ir para o seminário. Desde então rezou especialmente pelos sacerdotes.

Pouco a pouco apercebeu-se de que Deus lhe dirigia um chamamento pessoal e, em 24 de dezembro de 1957 – depois de ter meditado com calma e pedir conselho -, solicitou a admissão no Opus Dei. Experimentou uma imensa satisfação espiritual na entrega generosa ao Amor: era um dom do Espírito Santo que a acompanhou até ao fim e que soube contagiar à sua volta.

A partir de então, empenhou-se com maior decisão na vida espiritual: colocou em primeiro plano a contemplação da vida de Jesus, a piedade eucarística, a devoção a

Nossa Senhora; destacou-se pela sua humildade e desejo de servir. Os jogos de basquete ou de ténis também eram para ela ocasião de se dedicar aos outros. Procurava amar Deus através do cumprimento acabado dos seus deveres e do cuidado dos pequenos detalhes, e transmitia a familiares e amigos a paz que dá viver perto de Deus.

Entrega evidenciada na dor

Em dezembro de 1957 começou a sentir dores na perna esquerda. Passavam as semanas, mas a dor não diminuía, pelo que se achou conveniente recorrer aos médicos. A sua principal preocupação era evitar gastos desnecessários aos seus pais, porque se dava conta dos sacrifícios que faziam para levar por diante a família. Seis meses mais tarde descobriu-se que a causa era um cancro no fémur - um sarcoma de

Ewing - e que lhe restavam poucos meses de vida.

É significativo o modo como recebeu a notícia da sua doença. Ao regressar de umas semanas de férias, perguntou aos pais que era exatamente o que tinha. Era de noite e os irmãos já se tinham ido deitar. O pai explicou-lhe tudo, de modo claro, sem encobrir as palavras. Montse reagiu com grande paz e visão sobrenatural. Dirigiu-se logo a uma imagem de Nossa Senhora de Montserrate que tinham em casa, ajoelhou-se e disse: «O que Tu quiseres». Depois foi-se deitar e adormeceu. No dia seguinte foi ao centro do Opus Dei, que costumava frequentar e disse à diretora: «Estou muito tranquila e muito contente. Sinto uma grande paz. E quero a vontade de Deus. Recorda-mo, caso me esqueça: eu quero a vontade de Deus. Esta é a segunda entrega que faço ao Senhor». A partir desse

instante, notou-se um salto de qualidade na sua resposta ao Senhor.

A doença provocou-lhe dores muito intensas, que aceitou com serenidade e com fortaleza. Enquanto esteve doente, manteve sempre uma alegria contagiosa e uma grande capacidade de fazer amigos, que tinha origem no seu amor às almas e a Deus. Não deixava que os outros notassem as suas dificuldades. Durante uma meditação no oratório, que estava cheio, tinha a perna apoiada numa cadeira. Chegou uma rapariga e, sem perceber a situação, perguntou se a cadeira estava livre. Montse retirou a perna sem que a outra notasse e cedeu-lhe o lugar.

Montse transmitia paz na doença e na morte, porque pensava na cruz de Jesus e em Maria Santíssima. Quando já não podia sair de casa, recebia numerosas visitas. O extraordinário de Montse nessas circunstâncias era

precisamente a sua normalidade: evitava ser o centro de atenção ou que tivessem pena dela; pelo contrário, interessava-se pelas necessidades dos outros. Para animar as visitas, até pediu a uma amiga que a ensinasse a tocar viola. Assim, quem ia visitá-la, saía do seu quarto com paz e com desejo de se aproximar mais de Deus.

Os que a acompanharam de perto foram testemunhas da sua progressiva união com Deus e de que transformava o sofrimento em oração e em apostolado. Uma das amigas admirava-se de a ver tão serena e devota, no meio da dor. Notou nela uma mudança profunda; por isso um dia perguntou-lhe: «Montse, tu és a mesma de sempre, não és?». Montse respondeu-lhe que sim, mas que sentia muito perto o momento do seu encontro definitivo com Deus, e isso enchia-a de gozo e estimulava-a a lutar.

Morreu numa Quinta-Feira Santa, pouco antes de fazer os 18 anos. Os amigos e familiares que estiveram no velório e no enterro não sabiam se deviam dar os pêsames ou felicitar os pais, pois estavam convencidos de que Montse estava no céu, a interceder por eles, como tinha prometido. Ela própria tinha dito que não queria que chorassem. Em 1994 ,o seu corpo foi trasladado para o oratório do Colegio Mayor Bonaigua em Barcelona. Muitas pessoas se dirigem aí para pedir a sua ajuda e intercessão perante Deus.

Um amor posto à prova que nos anima

De Montse podemos aprender muitas lições. A reação serena e de confiança em Deus quando lhe comunicaram o diagnóstico mostra que o seu amor total e alegre, quando respondeu que sim à chamada divina ao Opus Dei, não era fruto do

entusiasmo de uma adolescente, mas da acção do Espírito Santo numa alma santa. Por isso, a generosidade de Montse é um modelo para todos, não só para os doentes. O sarcoma foi a ocasião para confirmar a alegria da sua entrega. Para a maior parte dos cristãos, a prova consistirá provavelmente em perseverar todos os dias, durante muitos anos. O nosso inimigo não será um cancro, mas talvez a rotina ou a tibieza que se manifestam no esfriamento do amor, na inconstância na luta ascética ou na falta de afã apostólico.

Montse recorda-nos também que os santos não se fazem sozinhos: a santidade alcança-se dentro da Igreja, com a colaboração dos outros. Ela recebeu ajuda de seus pais e irmãos, dos professores e da sua paróquia; mais tarde, contou também com o impulso de S. Josemaria - que teve oportunidade de conhecer durante uma viagem a

Roma - e dos fiéis do Opus Dei; e Montse foi respondendo livre e generosamente ao chamamento de Deus.

Além disso, Montse prova que não é preciso esperar até ser «mais velho» para atingir metas altas; que a juventude não é um período sem importância da vida, como um parêntesis, mas antes um tempo magnífico para se entregar a Deus e O amar de todo o coração, e para iluminar o mundo com a luz de Cristo. Como ensinava S. Josemaria: «Os anos não dão nem sabedoria nem santidade. Pelo contrário, o Espírito Santo põe na boca dos jovens estas palavras: *Super senes intellexi, quia mandata tua quæsivi* (Sal 118, 100), tenho mais sabedoria do que os velhos, mais santidade do que os velhos, porque procurei seguir os mandatos do Senhor. Não espereis pela velhice para ser santos: seria um grande engano» (Notas de uma

homilia, 9-I-1968). Montse explica-nos isto com o seu exemplo. Seguir Cristo de perto não significa empreender tarefas cada vez mais difíceis, mas realizar as ocupações diárias por amor e com amor, transformando-as em serviço a Deus e aos outros.

A sua vida pode levar muitos jovens a não adiar as decisões que dão um sentido divino à existência: decisões de maior solidariedade, de abertura a Deus e aos outros. Um dos seus biógrafos escreveu que «se algum dia a Igreja disser a sua última palavra sobre a santidade de Montse Grases, ela devia ser representada com a sua saia escocesa de quadrados verdes – de onde se tiraram as relíquias para a sua pagela – com os seus livros escolares, a tocar viola, e aos pés… uma raquete de ténis. Porque também no desporto ela soube encontrar Deus» (José Miguel Cejas, *Montse Grases. La alegría de la*

entrega, Madrid, Rialp, 1993, página 483).

*****

Oração para pedir a Deus um favor ou milagre através da intercessão de Montse

David Lázaro

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/o-exemplo-de-montse-grases/ (11/12/2025)